

A queda da renda dos jovens na crise, segundo este estudo


 nexojornal.com.br/expresso/2019/11/11/A-queda-da-renda-dos-jovens-na-crise-segundo-este-estudo

Foto: Fernando Frazão/Agência Brasil - 30.01.2019



Jovem ambulante vende água em farol no Rio de Janeiro

Um estudo publicado pela FGV (Fundação Getúlio Vargas) em 5 de novembro de 2019 mostra que os jovens foram os mais afetados pela crise brasileira, em termos de renda. O estudo foi conduzido pelo economista Marcelo Neri e se baseia nos dados da Pnad Contínua, divulgada pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).

A Pnad (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios) abrange um grupo representativo da população brasileira. A cada três meses, ela visita 211 mil domicílios por todo o território nacional, levando em conta localização e classe social, e coleta dados sobre trabalho, renda, entre outros. Por se tratar de uma amostra representativa, ela não engloba aqueles cuja renda está muito distante da realidade média brasileira.

O estudo da FGV foca em um recorte que vai do último trimestre de 2014 ao segundo trimestre de 2019, mostrando a trajetória de alguns indicadores nesse intervalo. Esses quase cinco anos compreendidos foram marcados em boa parte pela recessão econômica, que, segundo o Codace (Comitê de Datação de Ciclos Econômicos da FGV), durou 11 trimestres: entre o segundo de 2014 e o último de 2016.

A pesquisa aponta para a piora da renda entre jovens, que compreendem a população de 15 a 29 anos, mas também destrincha quais foram os grupos que tiveram as maiores perdas em seus rendimentos no intervalo considerado.

A queda na renda

Um outro estudo publicado em agosto pelo professor Marcelo Neri já havia mostrado a queda na renda média na população entre o último trimestre de 2014 e o segundo trimestre de 2019. Esse movimento foi acompanhado pelo aumento da desigualdade de renda.

A nova pesquisa mostra que os jovens foram o grupo mais afetado pela crise, com sua renda média caindo quatro vezes mais que a média da população.

3,7%

foi a queda da renda média do total da população entre o último trimestre de 2014 e o segundo trimestre de 2019

14,7%

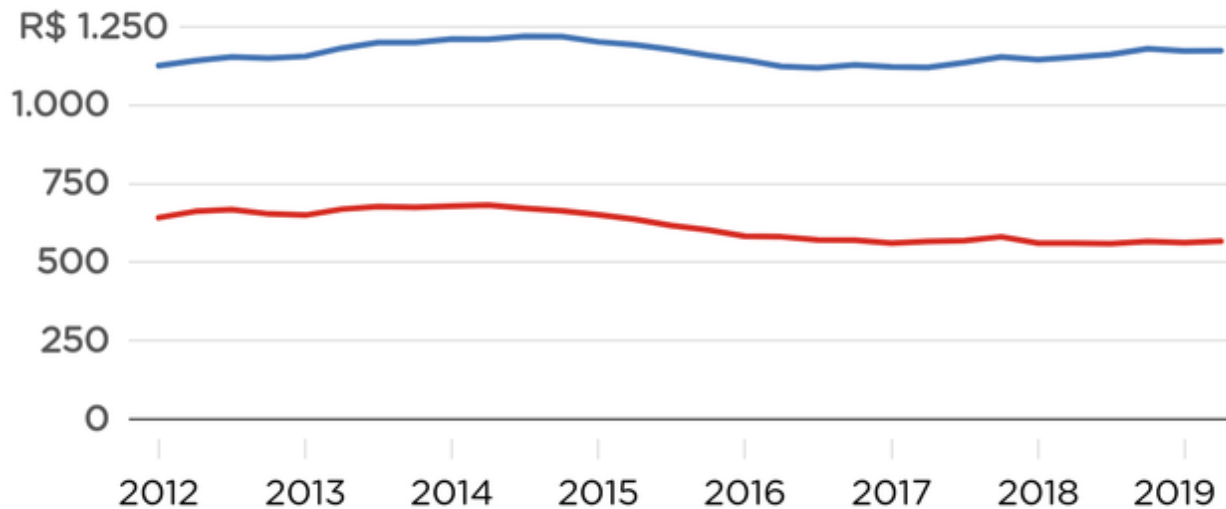
foi a queda da renda média dos jovens entre o último trimestre de 2014 e o segundo trimestre de 2019

Além disso, o nível de renda média dos jovens equivale a cerca de metade do nível de renda médio da população. No segundo trimestre de 2019, a renda média da população entre 15 e 60 anos era de R\$ 1.174; entre aqueles com entre 15 e 29 anos, ficou em R\$ 567. Esses valores são ajustados ao nível de preços de outubro de 2015.

RENDIA MENOR ENTRE JOVENS

Evolução da renda habitual do trabalho*

■ **Adultos (15 a 60)** ■ **Jovens (15 a 29)**



Fonte: FGV Social *A preços constantes de outubro de 2015

NEXO

O gráfico acima separa os “adultos” e os “jovens”. O primeiro grupo contém toda a população com entre 15 e 60 anos; o segundo trata apenas daqueles com entre 15 e 29 anos.

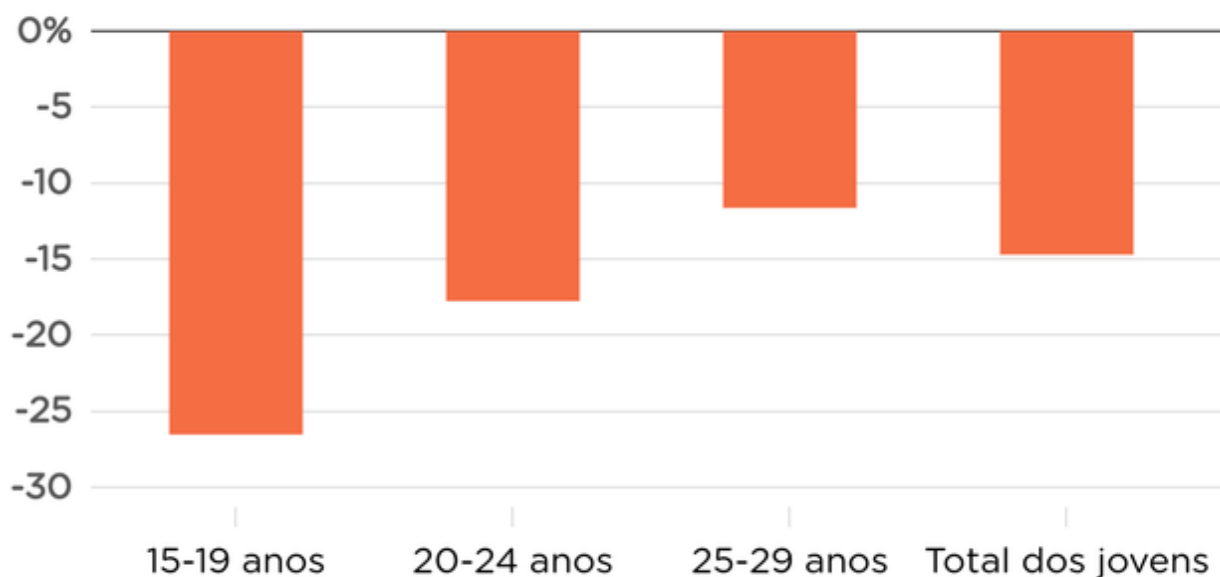
O estudo identifica que os principais motivos por trás da queda da renda média no período foram o desemprego e a queda no valor da educação – o que significa que o retorno financeiro de um ano a mais de estudo caiu.

Os grupos mais afetados

O estudo mostra que é possível reconhecer trajetórias distintas da renda quando comparamos diferentes subgrupos de jovens. A primeira diferença aparece quando separamos essa população em faixas de idade.

QUEDA MAIOR ENTRE OS ADOLESCENTES

Evolução da renda média entre os jovens, por idade*



Fonte: FGV Social *Comparação entre o 4º trimestre de 2014 e o 2º trimestre de 2019

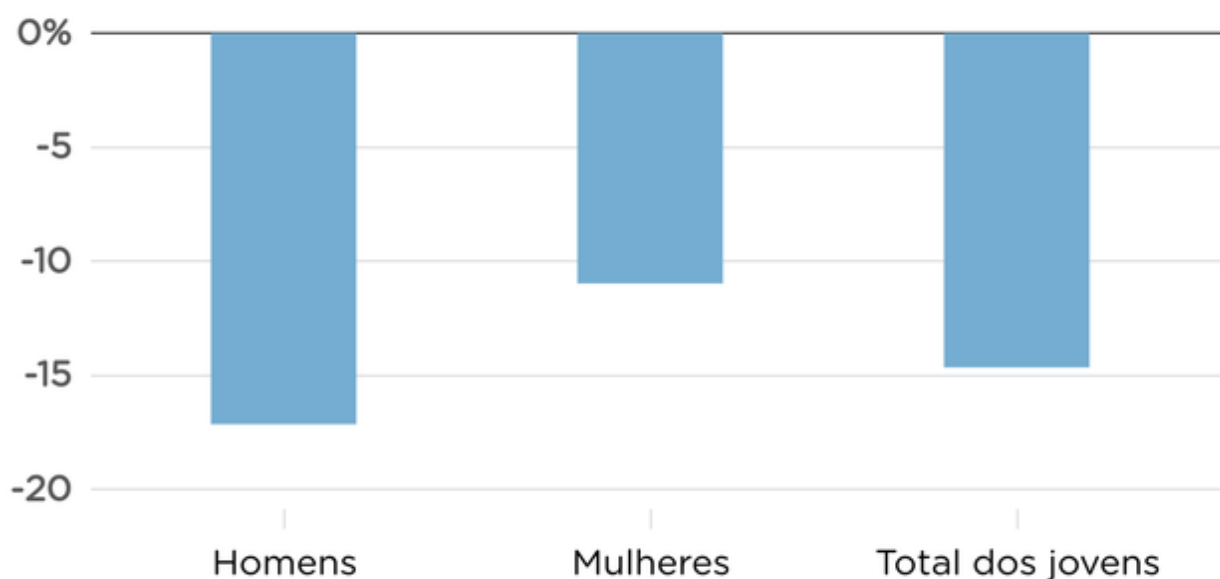
NEXO

Por mais que todos os jovens tenham, em média, tido uma queda na renda entre o quarto trimestre de 2014 e o segundo trimestre de 2019, a maior redução foi observada entre os adolescentes – aqueles que têm entre 15 e 19 anos. Esse grupo perdeu 26,5% da renda média no período, sete vezes mais do que a média da população.

Já a análise entre mulheres e homens jovens mostrou que a queda maior da renda ocorreu entre os homens. Entre a população com entre 15 e 29 anos, o rendimento médio dos homens caiu 17,1%, enquanto o das mulheres diminuiu em 11%.

QUEDA MAIOR PARA OS HOMENS

Evolução da renda média entre jovens, por sexo*



Fonte: FGV Social *Comparação entre o 4º trimestre de 2014 e o 2º trimestre de 2019

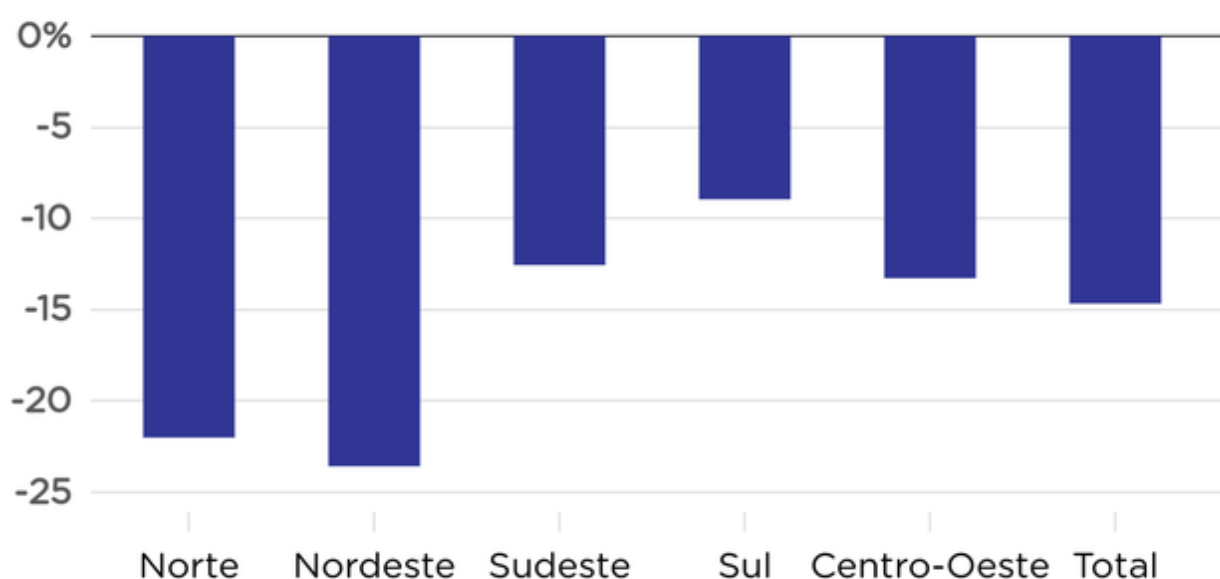
NEXO

Apesar da queda maior nos rendimentos dos homens, eles continuam acima do rendimento médio das mulheres. No segundo trimestre de 2019, a renda média habitual de um homem com entre 15 e 29 anos foi de R\$ 678; a de uma mulher na mesma faixa etária foi de R\$ 456 (ao nível de preços de outubro de 2015).

As diferenças na trajetória da renda média dos jovens aparecem também quando a ótica é regional. Isso porque a queda foi maior entre os jovens do Nordeste e do Norte do país.

PERDA MAIOR NO NORDESTE

Evolução da renda média entre jovens, por região*



Fonte: FGV Social *Comparação entre o 4º trimestre de 2014 e o 2º trimestre de 2019

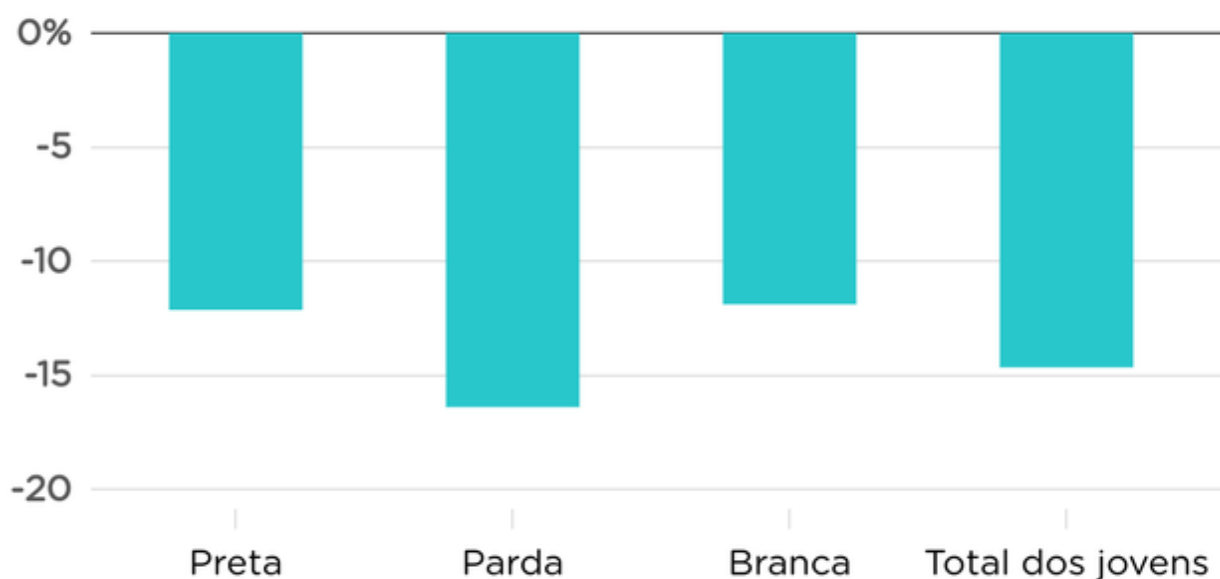
NEXO

A queda mais acentuada nos últimos anos serviu para aprofundar uma diferença significativa entre o que ganha um jovem no Sul e o que ganha um jovem no Norte ou Nordeste. No segundo trimestre de 2019, um jovem no norte ganhou, em média, R\$ 364 (ao nível de preços de outubro de 2015); no nordeste, R\$ 321. Já o jovem no Sul recebeu, em média, R\$ 802 – mais que o dobro do que naquelas regiões.

O recorte por cor ou raça também mostra as disparidades das trajetórias da renda entre jovens.

QUEDA MAIOR ENTRE PARDOS

Evolução da renda média entre jovens, por cor ou raça*



Fonte: FGV Social *Comparação entre o 4º trimestre de 2014 e o 2º trimestre de 2019

NEXO

Os jovens de cor preta tiveram queda de 12,1% no rendimento médio; os de cor parda, de 16,4%; os jovens brancos perderam 11,9% da renda média no período considerado. Esses movimentos aprofundaram a disparidade de renda entre os jovens brancos, que no segundo trimestre de 2019 tiveram renda média de R\$ 742 (ao nível de preços de outubro de 2015). Os jovens pardos tiveram rendimento médio de R\$ 441 e os de cor preta, de R\$ 506.

Por fim, o grupo de jovens sem instrução sentiu uma queda substancial na renda média no período considerado pela pesquisa.

51,1%

foi a queda na renda média dos jovens não instruídos entre o último trimestre de 2014 e o segundo trimestre de 2019

O aumento da desigualdade

Na população como um todo, a desigualdade de renda cresceu desde o último trimestre de 2014. Esse fenômeno é medido pelo índice de Gini, que é um coeficiente matemático que mede a concentração de algo — pode ser renda, votos, nível de educação ou outra coisa. O Gini varia de 0 a 1, sendo que o 0 corresponde à igualdade total e o 1 corresponde à desigualdade completa. Quanto mais alto for o índice, maior a desigualdade.

Desde 2013, a desigualdade de renda é maior entre os jovens do que no restante da população; isso significa que a comparação dentro do grupo daqueles que têm entre 15 e 29 anos, há disparidades maiores de renda do que no total da população. E essa concentração apenas aumentou desde o último trimestre de 2014.

2,7%

é o quanto aumentou a desigualdade de renda para o total da população entre o último trimestre de 2014 e o segundo trimestre de 2019

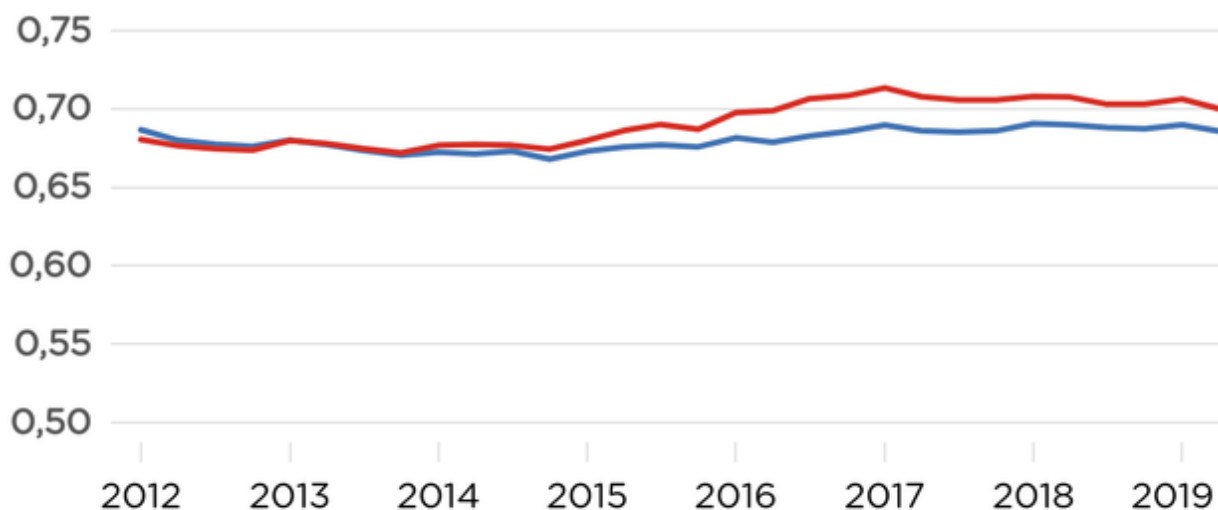
3,8%

é o quanto aumentou a desigualdade de renda entre os jovens, do último trimestre de 2014 ao segundo trimestre de 2019

MAIOR DESIGUALDADE

Evolução do índice de Gini para renda habitual do trabalho

■ **Adultos (15 a 60)** ■ **Jovens (15 a 29)**



Fonte: FGV Social

NEXO

24,2%

é quanto caiu a renda média da metade mais pobre de jovens, contra 14,7% para todos os jovens.

O estudo da FGV aponta que a queda da renda média dos jovens e maior desigualdade nessa faixa da população são motivadas por dois principais fatores: o desemprego e a queda no valor da educação (retorno financeiro de um ano a mais de estudo).

Crescimento dos 'nem-nem'

O estudo da Fundação Getúlio Vargas também mostra que houve um aumento na proporção dos jovens que se enquadram no perfil chamado "nem-nem". Trata-se dos jovens que nem estudam nem trabalham.

Entre o último trimestre de 2014 e o segundo trimestre de 2019, o grupo "nem-nem"

aumentou de 21% entre os jovens para 24,1%.

Já a proporção de jovens que trabalham e estudam ao mesmo tempo está em baixa. No último trimestre de 2014, eram 12,3%; no segundo trimestre de 2019, eram 11,6%.

A proposta para aumentar o emprego

A equipe econômica do presidente Jair Bolsonaro vem atuando para dar continuidade à agenda de corte de gastos e reforma do Estado após aprovar a reforma da Previdência.

Após apresentar ao Congresso um pacote de medidas que propõe reduzir despesas, desvincular gastos públicos e dar maior autonomia aos estados e municípios, o governo anunciou na segunda-feira (11) um novo conjunto de medidas, com enfoque justamente na criação de empregos para jovens.

A ideia é reduzir encargos trabalhistas para estimular a contratação de pessoas entre 18 e 29 anos. Os pagamentos máximos devem ser de um salário mínimo e meio, algo em torno de R\$ 1.500. O custo da mão de obra para empregadores deve cair entre 30% e 34%.